O psicodrama no currículo e o currículo de psicodrama

Paulo Bareicha

RESUMO

Neste ensaio são questionados os desafios curriculares da formação em psicodrama no século XXI, enfatizando-se dois aspectos: 1) a qualificação como sendo uma "novidade" ou sendo "convencional"; e 2) a abrangência como sendo "popular" ou sendo "elitizada". Os argumentos promovem diálogo a partir, por um lado, do reconhecimento científico do campo e sua inclusão na área/curso de psicologia; e, por outro lado, de sua exclusão do rol de terapias tradicionais como as Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) oferecidas no SUS.

Palavras-chave: 1) Psicodrama; 2) Currículo; 3) Formação; 4) Práticas Integrativas de Saúde.

Este ensaio tem como objetivo provocar discussão sobre a atualidade da formação em psicodrama no século XXI e, também, questionar quais seriam os fundamentos indispensáveis desta aprendizagem. Desde a fundação da FEBRAP, em 1976, o psicodrama foi organizado no Brasil como campo formativo de interesse tanto na formação universitária, quanto, e principalmente, como parte da formação complementar e continuada após a conclusão do curso superior.

No Século XX, entre tantos dispositivos de gestão que a experiência democrática produziu, a noção de "currículo" surgiu para valorizar o mérito sistemático e persistente de quem se esforçou para organizar suas práticas em torno de um saber; e punir (ou pelo menos duvidar e testar) a autoridade de quem afirmasse ou impusesse determinado conhecimento. Os profissionais liberais recém-formados criaram um certo ritual de emoldurar e emparedar seus diplomas, colocando-os atrás de suas cabeças para que os clientes vissem sua "aura" de sabedoria ao serem atendidos. O diploma passou a reconhecer a área do conhecimento, a Universidade e a data de formatura – sinais curriculares de "sabedoria", além da autorização do Estado para o exercício da profissão. (Silva, 2010).

À medida em que os cursos superiores no Brasil foram organizados, especialmente nas áreas de educação e saúde, os profissionais ali formados continuaram buscando uma formação complementar que melhor atendesse às suas necessidades profissionais. O campo da "arte", dispondo de linguagens expressivas não usuais na escola tradicional, propuseram uma

"**alternativa**" à sua prática. Helena Antipoff e Lourenço Filho foram precursores em trazer especialistas da Europa e dos Estados Unidos para formação complementar de médicos, sociólogos, educadores e, por último, psicólogos (Cassemiro; Campos, 2019).

Logo surgiram em diferentes contextos formações derivadas das referências artísticas, como por exemplo, dos trabalhos de Nise da Silveira organizando uma arte-terapia e uma arte-educação (Macedo; Perini, 2016); de Augusto Boal criando com o tempo a "árvore do teatro do oprimido" (Silva, 2014), de Roberto Freire com a somaterapia (Ferraz, 2021); Maria Fux com a dança terapia e a dança-educação (Barbozza, 2022); de Rolando Toro e a biodanza (Fantebasso, 2019); de Cecilia Conde e Lia Rejane Barcellos na musicoterapia (Puchivailo; Holanda, 2014); de Guerreiro Ramos e Abdias Nascimento, e posteriormente Pierre Weil, Rojas-Bermudez, Dalmiro Bustos e outros com o Psicodrama (Oliveira, D. R., 2025; Rebouças, 2017; Kladi, 2009). Nos cursos de psicologia havia a psicanálise, o behaviorismo e, quando ocorriam, uma ou outra dessas abordagens, incluindo a Abordagem Centrada na Pessoa e a Gestalt, que eram chamadas "a terceira força da psicologia", a psicologia humanista (Castañon, 2007).

Todas essas formações têm em comum uma organização "marginal", "periférica", não institucionalizada no currículo vigente, tanto na área de saúde, quanto na educação. E isso não impediu que fossem abertos centenas de consultórios e espaços para o público em ONG, igrejas, e espaços periféricos inusuais para práticas e atendimentos. Os profissionais buscavam a formação não pelo diploma, mas por um saber experimental e prático que os fizessem ir além no auto-conhecimento, que oferecesse uma visão mais ampla, às vezes anárquica, às vezes integradora da realidade. O que se passou a ensinar e a aprender não foi um fetiche hierárquico, mas a sabedoria necessária para se relacionar, para viver, para sobreviver. O conhecimento deixava o status absoluto de uma conserva cultural curricular para ser o alimento transitório e mutante de uma cotidiana criadora revolução.

A mística "aura" não deixou de ser percebida. Mas, de um sinal próprio da cabeça (altiva, racional e inteligente), passou a ser sentida no coração. E a dicotomia entre a mente e o corpo, estampada subliminarmente em muitos diplomas, foi superada com alívio pela integração entre afeto e cognição. No século passado "mil horas" horas de formação ainda faziam com que o aluno permanecesse motivado em busca de sua incompleta inquietação.

Hoje em dia as demandas pela formação têm mudado. Além da formação, busca-se também aquele tal "diploma". O conjunto de disciplinas, carga horária, notas de aprovação, frequência e a qualidade docente, formam o currículo da formação em psicodrama. E ainda há os carimbos, da ordem do reconhecimento: da FEBRAP, do Conselho de Psicologia, do Ministério da Educação. Desde os primeiros anos do século XXI observamos diplomas com 700 horas/aula, com 540 horas/aula e com 420 horas/aula; e, após a pandemia do Covid 19, há

quem acredite e defenda uma formação (bem comercial e mercadológica) com 360 horas/aula e até totalmente online. Será que nosso currículo encolheu 50% ou mais? Será que o CHAT GPT nos dará as respostas vivenciais que sempre buscamos? Ou será que a ciência e a arte do psicodrama não estão sobrevivendo aos últimos pactos entre o mercado e as instituições escolares?

O psicodrama tem sido muito mais procurado por egressos de psicologia. Dessa forma temos ficado cada vez mais próximos desse campo epistemológico e profissional, organizado no Sistema Conselhos, cuja principal função é orientar, fiscalizar e disciplinar o exercício da psicologia no Brasil. Ao ser filiado à Psicologia como um "método ou técnica psicológica" o psicodrama deixou de ser "**alternativo**" e se consolidou como prática reconhecida. Um exemplo disso é sua não participação na lista de Práticas Integrativas propostas pelo SUS.

Segundo Inacio (2022) a abordagem oferece à maior parte da população um serviço gratuito em que práticas fundamentadas em saberes populares são democratizados (e não elitizados). O princípio básico é que o conhecimento verticalizado, onde o especialista prescreve o que o paciente faz, deixa de ser o único procedimento válido. Questionando-se então o saber curricular biomédico clássico, ele passa a compor o conjunto de saberes no processo de cura. Mas porque então não se muda o currículo das ciências da saúde? Pois é justamente aí que se encontra o psicodrama. Curiosamente na lista das Práticas Integrativas estão velhos companheiros do psicodrama da época "humanista" como a musicoterapia, a arteterapia, a biodança e a terapia comunitária. Como antigamente, todas essas abordagens continuam suas formações, mas apesar de oficial e ofertada dentro das unidades de saúde públicas, paira sobre todas, ainda a dúvida sobre sua "cientificidade". (Inácio, L., 2022). Acrescenta-se à esta discussão que até hoje, nem o MEC, nem o CFP consolidaram a exclusividade da prática da psicoterapia (ou terapia) aos psicólogos (tramita no congresso desde 2024 uma possibilidade, que ainda não foi apreciada) sendo o foco psicoterápico a maior demanda da formação em psicodrama.

Precisamos, nós que nos interessamos pelo psicodrama, nos debruçar radicalmente sobre as questões curriculares, ainda que com soluções marginais e alternativas, para responder ao movimento psicodramático: quem sobreviverá? As perguntas deste ensaio não possuem respostas prontas. Em um século com tantas mudanças, pandemia, desafios... o fato de questionar é um ato de resistência. Espero encontrar mais pessoas buscando respostas para criarmos um currículo ecopedagógico, includente, interseccional, plural e atual, que nos garantirá a sobrevivência: do mais antigo ao mais novo, dos que já foram aos que virão, somos todos o currículo vivo do psicodrama!

REFERÊNCIAS

BARBOZZA, A. Maria Fux: depois da queda... dançaterapia! **Revista Interinstitucional Artes de educar**. V.8, n.2, p. 595-602, 2022.

CASSEMIRO, M. F. P.; CAMPOS, R. H. F.; Formação de professores para a educação especial: propostas de Helena Antipoff e seus colaboradores na Fazenda do Rosário nos anos de 1960. **Revista Brasileira de Educação Especial**, 25(2), 2019.

CASTAÑON, G. A. Psicologia humanista: a história de um dilema epistemológico. **Memorandum**, 12, 105-124, 2007.

FANTEBASSO, J.F. Biodanza sistema Rolando Toro: encontro poético humano sustenando a vida no centro. **Sínteses**. N.7, e019190, 2019.

FERRAZ, G. S. Da contracultura à somaterapia: a criação e o desenvolvimento inicial de uma terapia anarquista. **História, ciências, saúde.** V. 28, N.1, p. 211-229, 2021.

KLADI, V. M. Pierre Weil e o psicodrama no Brasil. **Revista Brasileira de Psicodrama,** V.17, N.1, São Paulo, 2009.

INACIO, L. Entre o mantra e o remédio. **Revista Viver Bem**, São Paulo, 2022.

MACÊDO, C. C.; PERINI, J. A. Arte, loucura e ensino: por uma arte-educação inclusiva. **Educação, artes e inclusão**. Volume 12, n. 3, 2016.

OLIVEIRA, D. R. Psicodrama brasileiro e a luta antirracista: o legado de Alberto Guerreiro Ramos. **Revista Brasileira de Psicodrama**, V.33, e0425, p.1-5, 2025.

PUCHIVAILO, M. C.; HOLANDA, A. F. A história da musicoterapia na psiquiatria e na saúde mental: dos usos terapêuticos da música à musicoterapia. **Revista Brasileira de Musicoterapia,** Ano XVI, n. 16, p. 122-142, 2014.

REBOUÇAS, R. M. S. Introdução ao Psicodrama. 2a Edição. Resenha. **Revista Brasileira de Psicodrama**, V.25, N.2, 2017.

SILVA, F. J. R. Uma história do teatro do oprimido. **Aurora: revista de arte, mídia e política**. V. 7, N. 19.

SILVA, T. T. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 3a Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.